



# As novas fronteiras do 'país do futebol'

Em artigo exclusivo para *Rio Pesquisa*, professor da Uerj aborda o processo de incorporação cultural que fez do futebol uma paixão nacional e questiona se o esporte ainda representa a identidade brasileira

Foto: Divulgação



Ronaldo Helal\*

Desde que chegou ao País, o futebol passou por um processo de incorporação cultural até se constituir no que chamamos de 'paixão nacional', e não foi preciso esperar muito para que logo afirmássemos que o nosso futebol é o melhor do mundo e o Brasil, o lugar onde mais se cultua e se entende do assunto. Isso está sintetizado no epíteto "Brasil, país do futebol". Mas seríamos ainda o 'país do futebol'? A seleção representaria, nos dias de hoje, a 'pátria de chuteiras', expressão cunhada por Nelson Rodrigues para explicar a relação entre identidade nacional e seleção brasileira?

É especialmente nas Copas do Mundo que o epíteto 'Brasil: país do futebol' ganha uma dimensão maior. Porém, mesmo aqui as narrativas jornalísticas em torno da seleção já não tratam de forma homogênea o futebol como metonímia da nação. A derrota na final para o Uruguai em 1950 e a conquista do tricampeonato em 1970 foram sentidas como derrota e vitória, respectivamente, de projetos de nação brasileira. Já as vitórias em 1994 e 2002 e a derrota na final para a França em 1998 não transcenderam o terreno esportivo e foram comemoradas e sofridas como vitórias e derrotas esportivas. Claro que a Copa do Mundo possui uma estrutura narrativa que estimula os nacionalismos. O encanto desta competição encontra-se justamente no fato de acreditarmos que as nações estão representadas por 11 jogadores. O futebol não é a

nação, mas a crença de que ele o é move as paixões durante um Mundial. Mas ao compararmos a situação atual com a carga emocional de 1950 e 1970, cabe especular se não estaríamos assistindo a um declínio do interesse pelo futebol como emblema da nação.

O ‘país do futebol’ foi uma ‘construção’ social realizada por jornalistas e intelectuais em um momento de consolidação do ‘estado-nação’, acompanhada por formulações acadêmicas sobre a sociedade. Foi, de fato, a partir dos anos 1930 que se

apresentaram novas formas de conceituar o País. Se antes, pelas lentes de um acadêmico como Oliveira Vianna, por exemplo, a miscigenação racial era vista como uma explicação para o ‘atraso’ do País, a partir da obra clássica de Gilberto Freyre, *Casa Grande e Senzala*, a mistura passa a ser entendida como um valor positivo e força maior da população brasileira. Dentro do projeto nacionalista e integracionista do Estado Novo, esta forma de entender a cultura se consolida no País.

Foto: Cheers Charlie



Neste sentido, Mário Filho, um dos fundadores do jornalismo esportivo no Brasil, foi fundamental para a utilização do futebol como um meio de se ‘construir’ uma ideia de nação brasileira. Mário Filho era amigo de Gilberto Freyre, que prefaciou sua obra mais conhecida, *O Negro no Futebol Brasileiro*, onde a junção do futebol com a nação se torna mais evidente. Freyre, por sua vez, escreve em sua coluna no Diário de Pernambuco do dia 18 de junho de 1938, *Foot-ball Mulato*, um artigo que se tornou fundamental para a simbologia do futebol. Ali, louva a miscigenação racial e afirma que ela funda certo estilo de jogo que seria típico do Brasil – uma ‘dança dionisiaca’, o que tempos depois se convencionou chamar de ‘futebol-arte’. Freyre e Mário Filho foram agentes fundamentais do sucesso da ‘construção’ do ‘país do futebol’.

No entanto, ao contrário de décadas atrás, hoje seria lícito perguntar se o Brasil está deixando de ser o ‘país do futebol’. Suspeitamos que a tendência de globalização da cultura em curso, que encontrou nos esportes um veículo agregador, de apropriações entre os diferentes estados-nações, estaria transformando a identidade nacional sintetizada como narrativa homogênea na ‘pátria de chuteiras’.

O jogador que veste a camisa nacional também representa clubes da Europa, além de empresas multinacionais. As marcas empresariais estão amalgamadas com o fenômeno esportivo. Kaká, por exemplo, pode ser ídolo de brasileiros, mas também de italianos e espanhóis. As camisas e produtos associados a ele são vendidos em todas as partes do mundo.

*Esporte lucrativo: transformação do futebol em produto faz da atividade mais uma opção no mercado da indústria do entretenimento*

A televisão transmite em tempo real os jogos do Real Madrid para todos os continentes. Esse processo de desterritorialização do ídolo e do futebol cria um novo processo de identidade cultural. Visto que se enfatizou o futebol como um produto a ser consumido em um mercado de entretenimento cada vez mais diversificado, sem um projeto que o articule a instâncias nacionais, o que se consegue é esgarçar cada vez mais o vínculo estabelecido antes, com Freyre e Mário Filho.

A ideia de globalização traz em si a negação dos estados-nacionais e a multifragmentação das identidades. Não se enfatiza o pertencimento das pessoas a uma nação, mas a grupos étnicos e, sobretudo, aos que se definem pelo consumo. A transformação do futebol em um produto o dissocia de domínios totalizantes e o mergulha em um meio em que passa a fazer parte de uma miríade de produtos de entretenimento entre tantos outros disponíveis no mercado.

Se o futebol esteve longamente associado à identidade brasileira, o que acontece quando a pós-modernidade enfatiza a pulverização das identidades? Se este esporte foi um mecanismo integrador, o que acontece quando, em tese, não há mais o que integrar? Como o futebol poderá ser representado na sociedade se o importante não for mais juntar (negros com brancos, interior com capital, moderno com arcaico), mas separar (grupos étnicos, grupos religiosos, cidades com seus regionalismos particulares, bairros dentro de cidades, condomínios dentro de bairros, *shoppings* dentro de condomínios)? Sucumbirá o futebol na pós-modernidade, deixando patente que pertenceu, de fato, à modernidade, e, em certa medida, ajudou a construir essa modernidade no Brasil? Ou sobreviverá, anunciando que essa pós-modernidade jamais poderá ser

completa, pois necessitamos viver sob o signo da nacionalidade, como se “todo o Brasil desse a mão em um só coração”?

As vitórias e derrotas da seleção em Copas do Mundo produzem celebrações e tristezas coletivas. No entanto, não são mais vividas como vitórias ou derrotas de um projeto de nação brasileira. Neste sentido, não somos mais o ‘país do futebol’ como décadas atrás, e a seleção não é mais a ‘pátria de chuteiras’, nos moldes colocados por Nelson Rodrigues. Isto não é ruim nem bom. E pode ser também o resultado do processo de consolidação da democracia e da organização da sociedade civil no País.

A relação de causa e efeito entre futebol, política e eleições, sempre vem à tona em época de Copa do Mundo. Governos totalitários já se utilizaram do futebol para fins políticos, como o Brasil, em 1970, e a Argentina, em 1978. Porém, o uso deste esporte com estes propósitos nem sempre foi eficaz. Mesmo após a conquista do tricampeonato em 1970, por exemplo, o partido da oposição – o então MDB – venceu as eleições de 1972 e 1974.

Se o futebol é o ‘ópio do povo’ porque paramos para ver o Brasil na Copa? Então seria o ópio das elites também, já que elas também param neste período. Sem contar que em vários países o mesmo ocorre. Se seguirmos com a ideia de que este esporte “narcotiza” a população em tempos de Copa, porque não se pensa em outra coisa ao longo das semanas em que é realizada, temos que admitir então que o sexo, as novelas, o carnaval, a praia e o chope com os amigos também seriam ‘ópio do povo’. Ou se pensa em política quando fazemos sexo? Isto não significa que o resultado final em uma Copa afete as eleições presidenciais no Brasil. As evidências recentes –

Foto: Divulgação



Helal: para o professor, papel simbólico do futebol mudou ao longo da história do País

1998, 2002 e 2006 – têm demonstrado o contrário.

Em suma, o futebol foi um elemento primordial na história recente do País, em sua transição de uma sociedade rural para uma moderna sociedade urbana. Seu papel já não é o mesmo de outros tempos e assistimos atualmente a um declínio do interesse pela seleção, apesar das recentes conquistas. O torcedor de Copa do Mundo ainda conserva seu ‘nacionalismo quadrienal’, atrelado à seleção, mas a ‘pátria de chuteiras’ perdeu muito da sua carga simbólica. Resta saber como os brasileiros irão se articular em torno deste simbolismo diante de dois eventos emblemáticos como a Copa do Mundo de 2014, organizada no País, e as Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro. Seremos testemunhas de um resgate simbólico de um nacionalismo exacerbado ou a espetacularização dos eventos nos moldes do capitalismo do século XXI diluirá a identificação nacional? ■

*\*Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)*